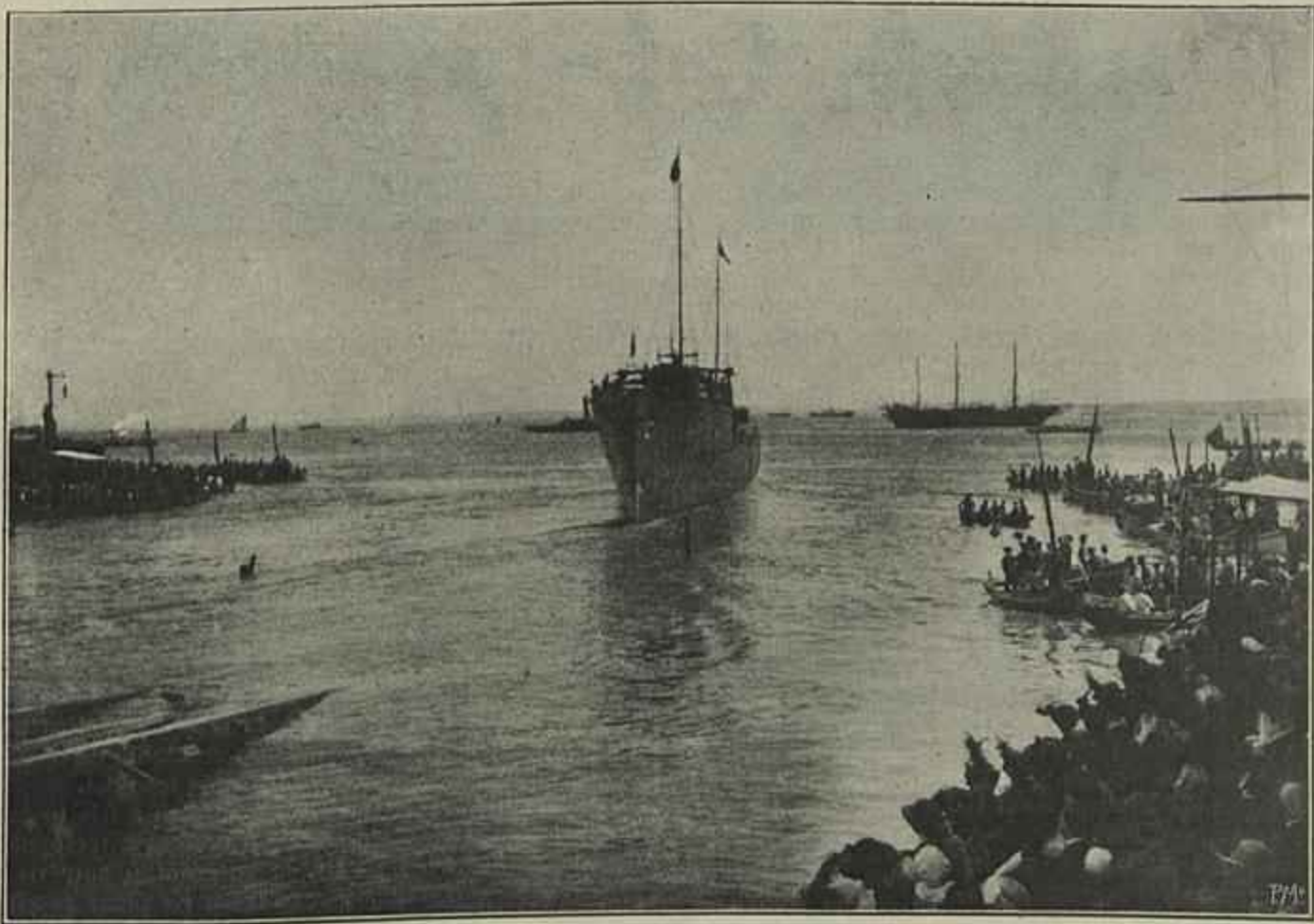


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	37.º Anno—XXXVII Volume—N.º 1287	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 24
Portugal (franco de porte) m. forte...	32800	16000	5950	130	30 de Setembro de 1914	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	42000	22000	8000	130		
Estrangeiro e India.....	52000	28000	10000	130		

Marinha de Guerra Portuguesa



LANÇAMENTO AO MAR DO NOVO DESTROYER «GUADIANA»

CRONICA OCCIDENTAL

Por vezes varias, temos comentariado, ao de leve, ironicamente, as propostas e resoluções tomadas nos congressos internacionais de paz. Essa ironia, que tinha sempre uma leveza cariciosa de pluma, fluidisava-se num sorriso de desdem, remotissimo, quasi indifferente — não tanto pelo que de improficuo resultava nas assembleias magnas, mas, sobretudo, pelo que de ilusão ingenua subsistia no fundo dessas afirmações ahi conclamadas vigorosamente. Assim como assim, cumpre-nos

reconhecê-lo, eram ditadas por intenções de humanitarismo, altruistas, generosas.

Analisemos...

Falhara, por absoluto, a tentativa, junto dos governos, para a consecução, se não dum desarmamento completo, ao menos, duma diminuição compensadora de armamentos. Meio eficaz de pacifismo — indigitaram logo, e sempre, uma greve geral obreira, mórmente preconizada nas oficinas de utensilios belicos, surta num paiz assaz forte para a promover. Evidentemente, a greve proclamada tornava-se crime de morte vibrado contra a propria patria, que ficaria á mercê do adversario mais diligente e menos estouvado nas suas

presunções. Previstos os obstaculos que se opunham á realização da teoria, expostos por Julio Guedes, tratou Jean Jaurès de propôr uma moção intermediaria, conciliatoria, que consistia, para obviar, na realização duma greve, concorde e simultaneamente internacionalisada, no momento inicial da guerra.

Imagine-se como podemos ir longe na perseguição dum sonho... As oposições foram grandes e severas aos planos de Jaurès.

Greve internacional promovida por obreiros empregados nas oficinas de instrumentos belicos?... Na vida pratica, infelizmente, greve é quasi sempre significado de miseria.

Entretanto, miseria maior e mais geral não traz a conflagração da guerra? Sim. Todavia, miseria maior e mais geral, padecel-a-iam os operários do paiz vencido; que do paiz vencedor os operários seriam compensados, menos dia, mais dia, pelas regalias que uma victoria acarreta triunfalmente sempre.

De resto, os dirigentes dos paizes beligerantes estariam já, ao tempo da declaração de guerra, fornecidos á farta de armamentos e portanto de nada ou pouco serviria esse *tour de force* duma greve internacional de oficinas.

Demais, para que desejariam uma greve geral, assim orientada, no momento proprio da guerra? Mais logico, mais eficaz, seria — esforçarem-se, em dias de paz, pela supressão dessas oficinas de morte, isto é, no tempo da preparação guerreira das nacionalidades. Com efeito, resultaria melhor ainda a realisação duma greve, concordeamente internacionalizada, dos quartéis. E, por certo, mais logico, mais eficaz, seria ainda um esforço supremo pela supressão das leis do recenseamento militar.

E' superfluo dizer — que esse labor formidando, tental-o-iam, depois de previa e internacionalmente combinado.

Visto que tudo isto se torna inevitavelmente impossivel, o sonho pacifista é uma ilusão que inspira dó e repugnancia incoercivel. . .

A teoria do pacifismo surgiu em França e tomou ahi incremento tão notavel que pôs em desvairo os seus homens-de-estado. A opinião publica estava de tal modo preparada ou exausta que tornou possivel o aparecimento do projeto de Jaurès. Não ha motivo de espanto — França é o paiz lendario das teorias lindas que marcam quasi sempre prática deficiente e tornava-se, mais e mais, impugnavel, a reação contra o espirito da *révanche* que lavrava ahi impetuosamente, desde 1870.

Neste caso, estava destinada a ser posta de parte e por fatalidade vencida aos primeiros embates. O espirito de *révanche* francês não renunciava. . . E menos, muito menos ainda, a Alemanha poderia dispôr-se a renunciar ao prestigio e força da sua organização militar que, de onde a onde, enviezava para além dos Vosges olhos curiosos e mais e mais cubiçosos.

A confiança posta na Internacional tinha de ser, mais uma vez, iludida.

Seria, pois, tambem para a Alemanha, como obstaculo irremovivel imposto á realisação das suas teorias, que o partido socialista francês devia olhar mais atentamente.

Ao tempo, sabia-se muito bem: — era poderosa a organização militar da Alemanha; excelente o seu serviço consular que vantajosamente se utilisava no informe das condições financeiras, industriaes e commerciaes, economicas dos paizes diversos; — vigilante o seu serviço de espionagem. E, a todo o momento, surgiam ao lume da imprensa livros de sciencia militar onde se esquisstavam tentâmes de assalto a visar directamente as fronteiras da França.

Sabia-se mais: — a organização do partido social-democrata alemão differia, muito, em muito, da organização do partido socialista francês.

Este, sem freios nem escrupulos, desvairava por vezes num movimento desatinado de antipatriotismo: pelo contrario, o partido social-democrata alemão não dei-

xava, momento a momento, de modular ferrosamente — *Deutschland, Deutschland über alles!*

Portanto, ao partido socialista francês, impunha-se, como um dever, já talvez, tardiamente, a realisar, uma *démarche* que teria por intenção auscultar a opinião do partido socialista alemão e tentar com ella um acôrdo.

Resultado? . . .

A social democracia germanica retraiu-se reservadamente. Era, pois, de todo o ponto, ingenua a confiança no altruismo da Alemanha. Tão merecida confiança o *Kaiser* depositava no socialismo do seu povo, que no proprio dia da declaração da guerra, que hoje percorre, numa galopada de exterminio, a Europa inteira, impôs aos seus representantes no *Reichstag* uma solidariedade, logo aceite e proclamada entusiasticamente.

Num instante, os governos pareceram talvez patrocinar as resoluções tomadas nos congressos internacionaes de paz. E' claro — das pequenas nações era essa toda a conveniencia; — das nações maiores seria de certo a conveniencia por hipocrisia e temór da ameaça alemã, que erguendo-se, mais e mais, firme na sua confiança, altiva na sua força, não arredava do seu pé de guerra.

O partido socialista francês tarde acordou do seu lindo sonho.

E se não fosse a resistencia heroica da Belgica, o predominio, absoluto e serenissimo, no mar, da Inglaterra, a energia, colossal e indefessa, da Russia, a attitude favorecedora das outras nações — que seria, hoje, emfim, do belo paiz de França? . . .

ANTONIO COBEIRA.

Destroyer "Guadiana"

Realizou-se no dia 21 deste mês, o lançamento ao mar do novo *destroyer* «Guadiana». Constituiu uma festa de regosio, celebrada por um grande concurso de gente, vibrante de entusiasmo. E' que, na verdade, o novo *destroyer*, em tudo semelhante ao «Douro», é um barco de guerra, leve e airoso, de construção resistente e apparencia elegante, digno da saudação calorosa de que foi alvo. Parece, desta vez, que o nosso Arsenal da Marinha pode bem orgulhar-se do navio que construiu e rever-se com satisfação na sua obra. Factos destes, a succederem-se, permitir mos-ão que alimenmos a esperanza de ver ainda progredir, de algum modo, a nossa marinha de guerra, tão gloriosa no passado e tão descurada na idade actual.

Ao meio dia, quando a affluencia de convidados e curiosos começou a ser mais numerosa, ainda o *destroyer* estava amarrado por prezas e escoras á carreira, que os operários, pouco a pouco, iam desprendendo.

Em frente da prôa, erguia-se engalanada artisticamente a tribuna onde tomaram assento o sr. Presidente da Republica e officiaes; do lado direito, ao longo do edificio da direcção tecnica e casa de construções navaes, seguiam-se palanques onde se acomodaram os convidados. Em frente dos palanques, formou com a banda e terno de cornetas a guarda de honra, num total de 92 praças, comandada pelo capitão-tenente sr. Quirino da Fonseca que tinha por subalternos os os segundos-tenentes, srs. Antonio Martins, Afonso Vilela e Santos Pedro.

O povo acorria, em chusma, de todos os lados. Perto das 15 horas, compareceu o sr. dr. Manuel de Arriaga, acompanhado dos srs. dr. Forbes Bessa, tenente Newton, Roque de Arriaga e Barreto da Cruz.

A guarda de honra prestou continencia e a banda executou o hino nacional.

Então, aquella multidão, alteou-se num delirio de entusiasmo, clamando freneticamente em saudações á patria e aos seus representantes mais

ilustres. Restabelecido por um momento o silencio, tudo se aprestou para uma descida serena do «Guadiana».

O sr. Presidente da Republica põe a mão sobre a quilha do «Guadiana» e diz: «Parte! Oxalá que na tua patriótica missão consigas ampliar as glorias dos nossos maiores.» O «Guadiana» desceu serenamente, adquiriu velocidade e entrou nas aguas do rio, airoso. O entusiasmo tornou-se indescriptivel. O Tejo resplandecia de luz que relumbava naquella planice liquida, em fremitos, onde embarcações ligeiras desfraldavam ao vento as suas bandeiras verde-rubras. Os canhões troaram, em salvas. Os vivas estrugiram num crescendo de delirio. E a banda entoou os compassos marciaes da *Portuguêsa*.

E ao retirar, ainda mais uma vez olhámos carinhosamente esse donairoso barco que evocára ainda em nós eras de gloria, eras bem vivas nos corações portuguezes.



Poemas em prosa

O sonho do Imperador

Nessa noite o déspota teve um sonho estranho.

Tinha soado a hora do Juizo final. Anjos de azas brancas faziam estrugir com as suas trombetas de prata os écos do vale de Josafat.

O mundo acabára-se e com elle os odios, as invejas, a guerra entre os homens e a vaidade entre as mulheres, todas as paixões, todos os crimes, todas as ignominias.

E o grande Imperador — como qualquer simples mortal — dispondo ainda ha pouco dum exercito de milhões de homens; de esquadras que sulcavam todos os mares; de dominios que se estendiam por todo o mundo; vendo a Europa tremer a um franzir de sobranceiras ou rojar-se-lhe, aos pés quando um sorriso lhe aflorára aos labios, o grande Imperador via-se forçado a comparecer tambem perante o tribunal do Juiz Supremo.

Os seus exercitos tinham-se desbaratado nas grandes carnificinas; as suas esquadras tinham sido destruidas; os seus dominios arrazados.

Mas conservára ainda todas as riquezas durante tanto tempo accumuladas: a sua corôa ornada de pedras preciosas; a sua armadura reluzente de ouro e prata, as suas joias, os seus tesoiros.

Foi pois com a fria impassibilidade que nos dá a certesa antecipada do triunfo que elle se apresentou ante o Anjo que Deus encarregára de pesar as virtudes humanas e que, para esse fim, tinha numa das mãos uma balança, empunhando na outra um gládio que flamejava.

Então o déspota lançou num dos pratos da balança a sua corôa, as suas joias, todas as suas riquezas, todos os seus tesoiros e, além disso, a gloria das victorias por elle alcançadas nos campos de batalha, ao som do troar dos canhões e ao clarão vermelho dos incendios.

Mas o prato da balança foi subindo, subindo vagarosamente, como se tanta opulencia e grandesa nele accumuladas se tivessem de subito dissipado.

No outro prato da balança que quasi tocava o sólo viam-se apenas umas simples gotas de agua, espécie de orvalho que brilhava á luz sidérea como pérolas liquidas.

Pesavam mais as lagrimas das mães e das viuvas.

EDUARDO PACHECO.

Salvator Rosa



O Christo e a Samaritana

A' DESEJADA

Minha Sulamite perturbante
quem és tu, como és tu, ó Bem-fadada?
Em que paiz, em que logar distante
floresce do teu Còrpo a madrugada?

Tu, que és da minha carne palpitante
a aspiração mais nobre e mais sagrada,
porque não vens? porque andas tu errante
do lar em que serás a Desposada?

Já Todas que comigo se cruzaram
na estrada que pisei sempre altaneiro,
em nevoas de Saudade se esfumaram.

Es tu que espero... és tu que has de ser minha...
e eu sei que vens... Também o damasqueiro
pelo perfume ao Longe se adivinha!

João da Lebre e Lima

Ecoss da Guerra

Augusto de Carvalho Ferreira

E' nos grato dizê-lo — ainda não se dissolveu no tempo aquela grandêsa de animo que sempre caracterizou os portuguezes illustres de outras éras. Resistencia, coragem, impetus de heroicidade — impuzeram gloriosamente na historia o nome de Portugal, e ainda hoje, aqui e ali, de onde a onde, estas qualidades antigas, a alma lusa revela-as com pujança por toda a parte onde a occasião lhe é propicia.

Orgulhamo-nos de exarar nas columnas desta Revista, um exemplo que confirma vantajosamente as nossas palavras. Consoante informação do ministerio da marinha — foi louvado, por actos de bravura, em ordem do dia do exercito belga de campanha, onde se alistára como voluntario, o nosso compatriota Augusto de Carvalho Ferreira.

Tendo sido mandado para o forte de Brechen, a cuidar da instalação dum projectôr especialmente encarregado da exploração dos *Zeppelins*, o nosso compatriota resistiu corajosamente ao fogo lançado por esses dirigiveis e naquele momento de terrôr panico e debandada não abandonou o forte.

Louvôres ao valoroso portuguez que longe tão bem sabe honrar o nome da sua patria!

Augusto Henrique de Carvalho Ferreira, filho do capitão de fragata, sr. João Baptista Ferreira



AUGUSTO DE CARVALHO FERREIRA

e da sr.^a D. Henriqueta de Ribeiro de Carvalho Ferreira, nasceu em 30 de março de 1891. Foi aluno da antiga Escola Estefania, dirigida pelo sr. Agostinho Fortes, fazendo todos os anos exame

no liceu Passos Manuel. Aos 16 anos de idade matriculou-se na Escola Politecnica, e tinha sómente 20 anos quando concluiu o seu curso.

Como se tivesse criado em Lisboa uma Universidade, ali completou o curso da Faculdade de Matematica, sendo o primeiro que na capital tirara o diploma de bacharel. Entrou no concurso para tecnico colonial e foi para a Universidade de Liège fazer o curso tecnico de engenheiro.

Realisava os seus exames em 5 de agosto quando a cidade foi bombardeada e a Universidade fechou.

Sentou praça no regimento de engenharia em 1908, tendo servido como cadete durante quatro anos e passando depois á reserva. Logo que fechou a Universidade de Liège, dirigiu-se a Anvers e apresentou-se para se alistar como voluntario em lanceiros; o ministerio da guerra quis, porém, aproveitar os seus estudos, como engenheiro. Assim, Augusto de Carvalho Ferreira, tem servido durante a guerra como «Soldat volontaire du Regiment de Gende, compagnie des Projecteurs». Esteve primeiramente no forte de Bereyrecht e a 5 deste mês foi transferido para o forte de Brechen, onde se illustrou pela bravura e resistencia de animo, que já apreciámos.

Tal é o Homem que teve a honra e a gloria de ser louvado em ordem do dia do exercito belga de campanha.

Daqui enviamos ao nosso compatriota os mais estremecidos louvores; — e á sua familia os emboras mais sinceros.

C.

Conflagração europeia

Pelo mundo fóra

Forçado a retirar-me para o Minho em busca das bellas aguas de Melgaço, senti bem profundamente a falta de noticias da conflagração europeia, cujo fim se não sabe quando chegará. As informações dos jornaes são muito contradictorias, pintando os acontecimentos conforme os interesses dos paizes em lucta, de modo que ninguem pôde formar juizo sobre a marcha dos exercitos em combate. Não ha, porém, duvida de que os allemães vão abandonando o territorio francês; a situação dos alliados é cada vez melhor, não obstante as grandes perdas soffridas. Os francezes têm ainda grandes reservas de soldados para reforçar as suas linhas de combate. A Inglaterra continúa a desembarcar diariamente reforços de tropas para manter intacto o effectivo das forças inglézas no continente.

Accentuam-se os progressos na ala esquerda dos alliados e no resto da frente de combate. Tem sido infructiferas as tentativas dos allemães para romperem a linha anglo-francêsa. Sem duvida as tropas do Kaiser preparam-se para um combate decisivo. Além das fortificações que estão fazendo entre *Namur* e *Givet*, estão-se também entrincheirando no triangulo *Woevre, Louvain, Fembloux*, com o fim, ao que parece, de defender dos ataques do exercito belga as suas linhas de communicações de *Maubeuge* e *Givet*, *Namur*, *Liège*, *Verviers*, *Aix-la-Chapelle*.

O general *von Kluck*, commandante do exercito da ala direita allemã, encontra-se em *Mons*, disposto talvez a uma nova etapa de resistencia na Belgica.

Os allemães metteram no fundo os cru-

zadores inglézes *Abouker, Hogue* e *Crecy*. Eram de 12:000 toneladas. O primeiro tinha o nome d'uma batalha ganha por *Nelson* contra os francezes em 1798; o segundo lembrava uma batalha naval ganha em 1692 por 100 navios inglézes contra 44 navios francezes; o terceiro, tinha o nome d'uma cidade bem proxima do campo de batalha do *Aisne*, onde em 1346 Eduardo III de Inglaterra ganhou uma batalha a *Filippe VI* de Valois.

A Allemanha, cuja civilização e alta cultura intellectual tanto admiramos, e pela qual, ainda ha dias, o grande millionario americano *Vanderbilt* offirmou a immensa sympathia dos *yankees*, tem provocado a colera de todo o mundo pelas devastações, barbaridades e atrocidades praticadas na preciosissima cidade de *Louvain*, cujos monumentos maravilhosos dos seculos xiv e xv, especialmente o *Hotel de Ville*, a *Egreja de S. Pedro* e a *Universidade*, com a sua riquissima bibliotheca, são hoje um montão de ruinas a attestar a existencia das hostes de *Attila*! *Visé* foi arrazada; *Viloorde* e *Malines* soffreram o saque e o incendio; *Termonde* e *Woevre* foram destruidas; são innumeraveis os casos de mutilação, assassinio, violação e maus tratos por parte dos soldados allemães. Acrescenta-se a isto e muito mais que os periodicos contam em extensos relatorios das auctoridades francezas e belgas — a destruição da *cathedral de Reims*, um dos mais bellos edificios religiosos da França, verdadeira joia artistica de esculptura do seculo xiii.

Os allemães persistem na tomada de *Antuerpia*, mas tiveram que retirar na zona

innundavel a oeste de *Malines*, entre o *Rupel*, o *Dyle* e o canal de *Rupela-Bruxellas*, pois que os belgas abriram os diques, inundando toda essa extensa zona, sendo os allemães forçados a retirar precipitadamente da agua as suas peças de grosso calibre, debaixo do fogo dos postos avançados da posição fortificada de *Antuerpia*.

Na *Prussia Oriental* tambem os allemães teem resistido á invasão russa, que só tem avançado pela *Galicia*.

Já se falou aqui da admiravel defeza allemã nesta extensa região que avança pela *Russia* e que possui as importantes praças fortes de *Koenigsberg*, situada ao fundo de uma enseada do mar Baltico. O maior obstaculo é a linha do *Vistula*. O triangulo *Dantzic-Thorn-Posen*, cujos vertices estão separados por mais de cem kilometros, implicaria, para a sua utilização efficaç, de effectivos muito consideraveis.

Sobre o *Oder*, a 80 km. de *Berlim*, ainda a linha de defeza está mais solidamente constituida, pois é formada por duas grandes praças — *Kustrin* e *Glogan* — com a pequena fortaleza de *Nime*, ao sul da *Silesia*. *Kustrin*, na confluencia do *Oder* e do *Wastha*, occupa uma posição estrategica admiravel, atravez do caminho directo de *Posen* a *Berlim*. A cidade é difficil de atacar, devido á natureza dos cursos de agua que a rodeiam. As fortificações comprehendem uma muralha de seis fortes isolados sobre as duas margens do *Wastha* sempre pouco afastadas do corpo da praça. O mesmo se pode dizer ácerca das defezas de *Glogan*.

Quanto a *Berlim*, sabe-se que não está



CATEDRAL DE REIMS
BOMBARDEADA PELOS ALEMÃES

fortificada mas está defendida por duas fortalezas—*Spandau* e *Magdeburgo*. A primeira, a alguns kilometros a oeste de Berlim, é defendida por quatro fortes isolados. A segunda, é uma praça de primeira ordem protegendo a passagem do *Elba*. É defendida por treze fortes.

Fallou-se já em negociações de paz. A Alemanha nega-as. O *Times* diz que se a Inglaterra se prestasse a entrar em negociações, dentro de cinco annos teria que recommençar a guerra, em condições então muito menos favoraveis do que agora. E accrescenta: — «Só quando vir a cavallaria dos alliados percorrer o *Unter-den-Linden*—o mais bello paraíso de Berlim,—a nação allemã se convencerá de que os seus insensatos sonhos de dominio mundial nunca sahirão dos limites da sua ambiciosa phantasia.

«Numerosissimas pessoas nos teem dito que esta guerra não é contra a nação allemã, mas contra o Kaiser e contra a carta dos officiaes prussianos de que elle se rodeia.

«Antes de rebentar o conflicto ainda se poderia fazer essa distincção; hoje não. Hoje, melhor informados, sabe-

mos que estamos em guerra com todo e qualquer allemão armado de uma espingarda, isto é, com milhões d'elles e dentro em pouco com todos que possam pegar numa arma. Pois quando todos elles as tenham deposto e esquecido as suas tresloucadas ambições, falaremos então da *boa gente allemã*. Antes não.

«Para os punirmos pelo incendio de Louvain, arrasaremos pelos alcerces, não a sua Berlim ou a sua *Heidelberg*, mas as suas fabricas, as suas officinas de *Krupp* em *Essen*. No preço da paz, entre outras condições, deve figurar a reconstrucção de novas e mais bellas villas e cidades, sobre as ruinas da Belgica innocente e devastada.

«Todos os amigos da Alemanha, bem como todos os que desejam uma paz duradoura, devem insistir com os alliados para que apressem a sua entrada em Berlim; porque só quando vir a sua capital occupada, a Alemanha deporá as armas; só depois de ver os vencedores passear nas avenidas é que os allemães deixarão *Freitschke* e *Nietzsche* para de novo se abraçarem a *Goethe* e a *Luthero*.

A Inglaterra dispõe-se placidamente a vencer a sua rival. Para isso recebe valiosos reforços de todos os seus dominios. O *Canada* offereceu-lhe 70:000 homens; a Australia, 150:000, além do auxilio da colonia do Cabo, do Transvaal, da India, ou sejam cerca de 600:000 combatentes.

As grandes potencias lançam apressadamente ao mar novas unidades. A França conta mais um *superdreadnought*—*Gascogne*—de 25:000 toneladas, 32:000 cavallos, de 175 metros de comprimento.

Francêses e allemães accusam-se de violarem as convenções de Genebra relativamente ao emprego das balas *dum-dum*. Ignora-se porém a verdade, como de resto em toda esta horrenda catastrophe, em que a phantasia tanto tem falseado os acontecimentos.

Para exemplo basta dizer-se que a agencia allemã Wolf já declarou que os francezes tiveram 800:000 soldados prisioneiros, 177 generaes presos, 1:213 bandeiras e 11:982 canhões tomados ao inimigo! Por outro



CAMARA MUNICIPAL — ANVERS



CAES DO DESEMBARQUE — ANVERS

lado as agencias belgas e francêsas dizem que os alliados mataram e aprisionaram mais de dois milhões de soldados e tomaram mais de quarenta mil canhões aos austriacos.

Do que não resta, infelizmente, nenhuma duvida é que a mortandade é horrivel d'ambos os lados e que a crise economica resultante d'esta tremenda lucta vae affectando cada vez mais todas as nações.

É curioso, notar que, sempre que se dá um acontecimento de alta importancia historica, a humanidade se sente impressionada pela appareição d'um cometa.

O grande astrónomo *Camille Flammarion* assignalou agora a descoberta feita no Observatorio de *Plevna*, na Bulgaria, d'um soberbo cometa visivel a olho nu, no ceu boreal, entre a *Ursa Maior* e a constellação dos *Gemeos*. Será este cometa um signal de paz ou guerra para os supersticiosos? Para os astrónomos é simplesmente

o magnifico cometa de *Delavan*, cuja orbita tem sido attentamente seguida desde ha mezes no *Observatorio de Juvisy*. Desapparecido ha algum tempo, em virtude da sua passagem na zona dos fogos solares, augmenta hoje em grandeza e brilho, desenrolando cada vez mais a sua ondulante cabelleira.

A titulo de curiosidade cita-se a *mera coincidencia* da apparição dos cometas com as guerras mais celebres. Assim em 1066, *Guilherme, o conquistador*, invadiu a In-

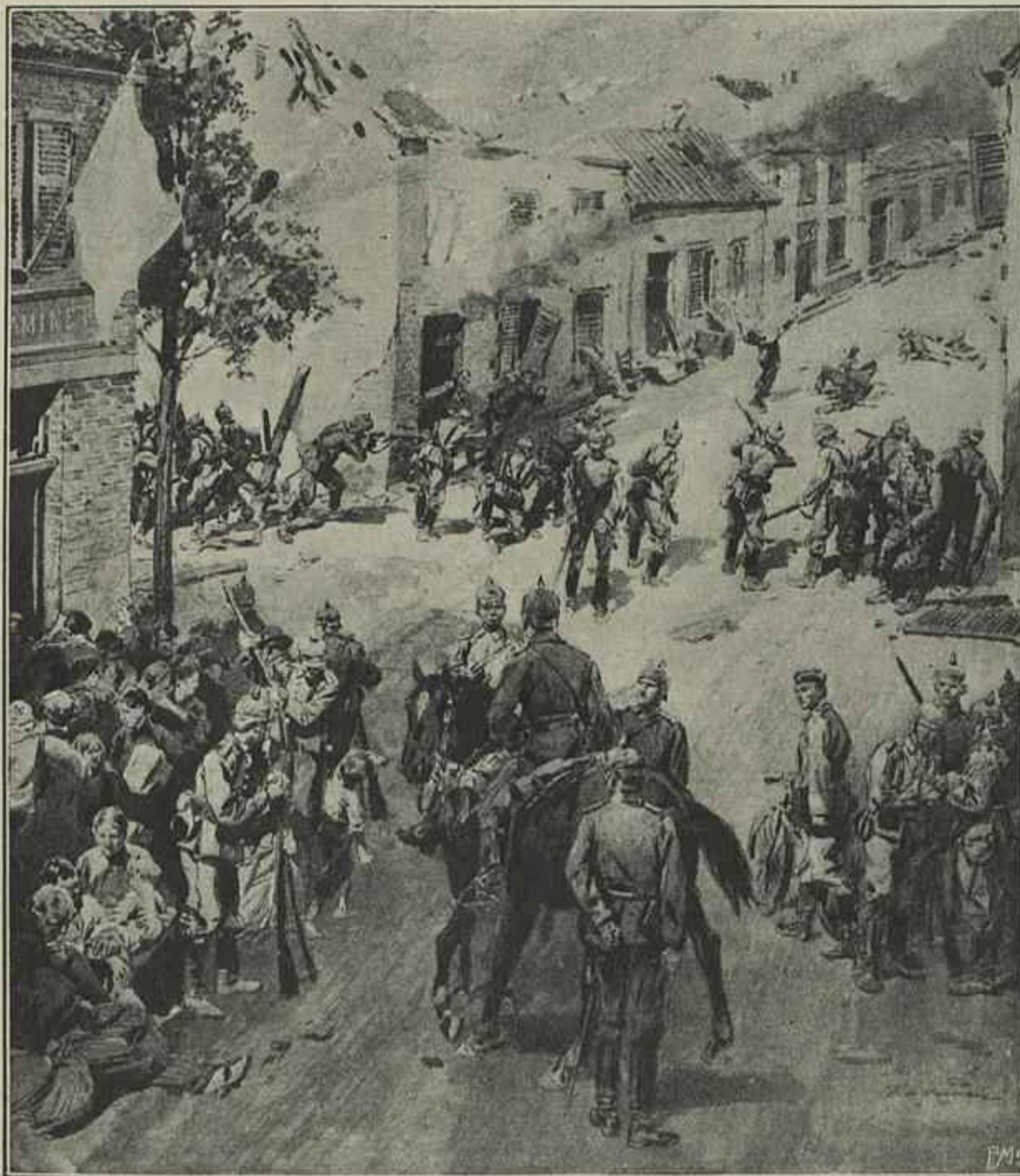
um grande cometa que apresentava um aspecto d'uma chamma ondulante. Julgarão que era um signal da colera divina. Perante um caso tão perigoso o Papa Clemente III ordenou que se tocassem os sinos de todas as egrejas todos os dias ao meio dia, e convidou os fieis a dizerem uma oração para conjurar o cometa e... os turcos.

Conservou-se este uso em todos os povos catholicos e d'ahi o toque das *Avé-Marias*.

de Julho que se iniciou a conflagração, declarando a Austria guerra á Servia.

Seguiram-se:

Da Allemanha á Russia, em 1 de Agosto; da Allemanha á França e á Belgica, em 3; da Inglaterra á Allemanha, em 4; da Austria-Hungria á Russia, em 5; do Montenegro á Austria, em 5; da Servia á Allemanha, em 6; do Montenegro á Allemanha, em 11; da França á Austria-Hungria, em 11; da Inglaterra á Austria, em 13; do Japão á Allemanha, em 23, e da



REINADO DO TERROR — COMO OS ALEMÃES TRATAM OS CIVIS A QUEM ACUSAM DE ATACAR AS SUAS TROPAS

(Da *Illustrated London News*.)

glaterra; em 1162, *Frederico I*, da Allemanha, invadiu a Italia; em 1181, *Ricardo I*, da Inglaterra, morreu depois de ter tomado parte nas batalhas da terceira cruzada; em 1249, *Frederico II* da Allemanha, morreu tambem depois de ter tomado parte na 6.^a cruzada; etc., etc.

A mais celebre das suas apparições deuse em 1456, pouco depois da tomada de Constantinopla pelos turcos. A Europa estava ainda abalada por esse acontecimento quando em junho d'esse anno appareceu

Depois d'isto, as mais importantes foram a de 1811, quando Napoleão estava no apogeu da sua gloria, e a de agora, em que estão em luca nove nações, falando-se já na declaração de guerra á Allemanha e Austria por parte da Italia, da Romania e da Bulgaria.

A titulo de curiosidade apresenta-se a lista das declarações de guerra durante o mês de Agosto. Como se sabe, foi em 28

Austria á Belgica, em 29. E' um verdadeiro *record*.

Interessante é tambem o seguinte quadro representativo das forças navaes das grandes potencias em luca:

	Inglaterra	Allemanha	França	Russia	Austria
Tonelladas...	2,370,326	953,700	782,114	588,532	360,492
Navios	625	112	382	223	204
Canhões	2,878	2,191	2,919	1,880	1,577
Lança-torpedos.....	412	350	600	298	—
Homens	135,049	57,360	50,953	—	17,910

Melgaço, 24-9-914. J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.

A primavera michaelense e o seu decorador o sr. José do Canto (1)

.....
E a vida emfim renasce em franca alacridade,
Das veigas da campina aos fogos da cidade.

A. DA CUNHA.

A atmosphera, que nos envolve perfumada pelas emanações vivas da flora uberrima, annuncia, alegremente, a chegada da primavera, que vae fazer refflorir o campo sonhador, decorando o da mais impressiva polychromia.

E a terra-mãe, que, durante o inverno inclemente, encheu de seiva as hastes despidas das plantas, que guardava no seio fecundo, as transforma agora, revestindo-as do mais ledo encanto ao receber do sol criador os primeiros afagos do seu calor bemdito!

Mas... um hymno á primavera!...

Não foi, leitor amigo, para cantar as flôres, o sol e a terra, como qualquer pagão ou livre pensador, que o meu *estylo* se lançou sobre o *papyro* innocente... tanto mais que em tudo quanto em torno de nós se agita e vive, só



JOSÉ DO CANTO

(1) Nota da Redacção. — Invocamos hoje a attenção dos leitores para esse interessantissimo trecho de prosa inserto nas columnas do OCCIDENTE, intitulado *A primavera michaelense e o seu decorador o sr. José do Canto*, e subscripto por um nome querido, justam nte reputado, no meio intellectual das nossas ilhas—que é o do sr. Anibal Bicudo.

Interessantissimo — dissemos nós — esse artigo e na verdade assim deve ser considerado, tanto pelo assumto de que proficientemente trata, como pelo brilho literario de que é revestido.

Prestando-lhe devidas homenagens — damos os nossos mais sinceros emhoras ao sr. Anibal Bicudo que muito nos honra com a sua colaboração.

ha a admirar a grandeza immensa de Deus, e... pobre de quem a não vê.

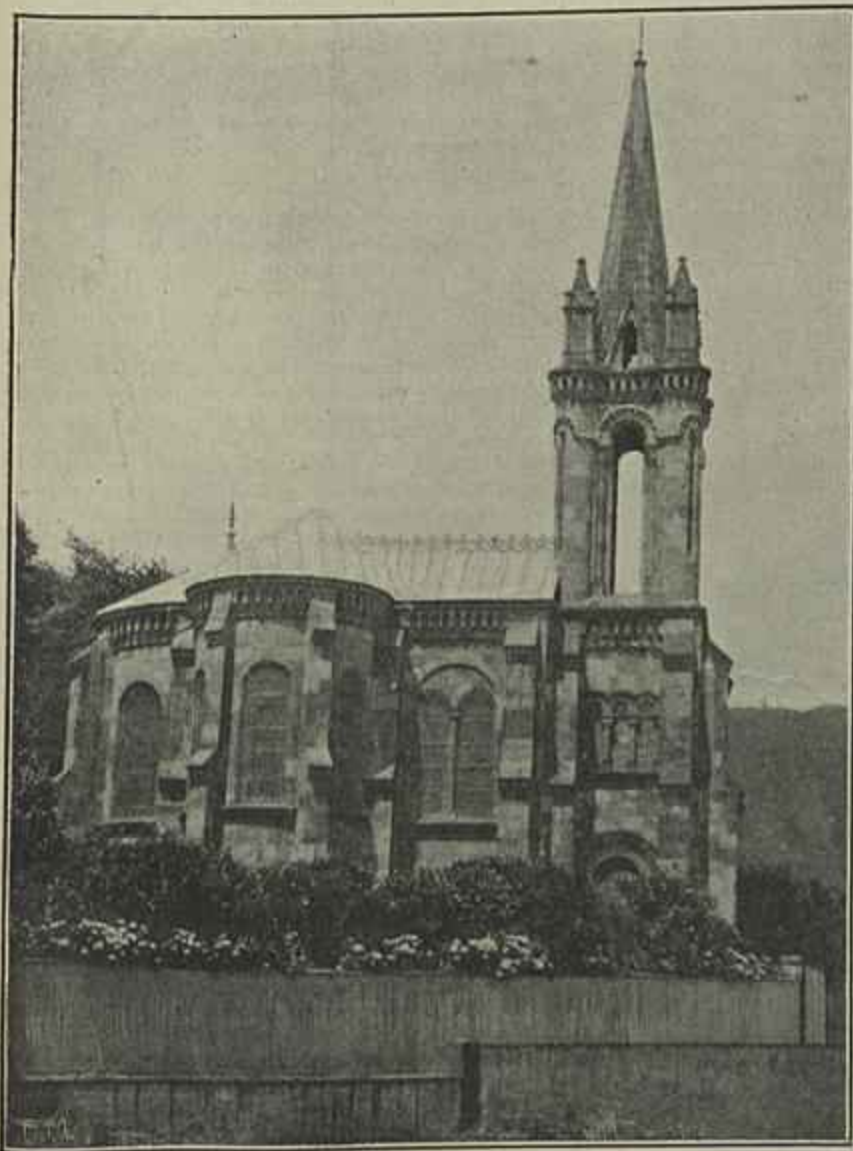
O aspecto feerico, que a natureza nos dá, na quadra festival da primavera, exhibindo, orgulhosa, as riquezas inestimaveis d'uma vegetação exuberante, é nas regiões equatoriaes e nos

grandes continentes profusamente vivaz, pela grande variedade das suas essencias, que levadas ao sabor do vento se teem alastrado do equador para os polos, vestindo alegremente a terra que, sem o adorno de taes galas, seria um desolado horto, sem côr e sem vida.

A ilha, afastada, como está, dos grandes continentes e por isso longe da acção prolifica dos ventos, só tinha para adorno dos seus campos, quando descoberta, o verde negro monotono e triste, d'um espesso bosque, apenas povoado de frondentes cedros, zimbros, folhados e outras especies inferiores, prodigamente alimentado com os despojos vegetaes de centenas d'annos. Hoje, porém, a immensa diversidade de plantas, que florindo ou folhadas de pintalgadas côres veem pôr na paysagem michaelense a nota deleitosa d'uma primavera louçã, é eloquente attestado do trabalho insano, ininterrupto e intelligente de prestigiosos antepassados nossos, que auxiliados pela benignidade da região, fôram aclimatando aqui, as mais exquisitas essencias da flora universal, e assim conseguiram transformar o aspecto soturno e apagado da primitiva paysagem insular.

A' luziez d'um grande espirito se deveu, em especial, a gigantesca obra do povoamento dos nossos campos, os primores da nossa agricultura avançada, e a metamorphose, emfim, da nossa economia rural.

E', pois, a memoria abençoada desse egrégio michaelense, dos mais illustres entre os nossos conterraneos notaveis, que esta minha chronica attinge, dando assim á mocidade d'hoje a noticia, desataviada, é certo, do que foi esse grande fi-



ERMIDA DA NOSSA SENHORA DA VICTORIA
(Na margem da Lagôa das Furnas)



UM DETALHE DO INTERIOR DA ERMIDA
(Clichés do sr. Couto)

dalgo, immortalizado pelos fulgores d'uma mentalidade privilegiada, posta ao serviço da terra que elle tanto amou!

— José do Canto — assim se chamou o benemerito patricio a que me venho referindo e por quem alimento a mais profunda admiração.

Chamei-lhe grande fidalgo e julgo que com a devida propriedade porque de poucos se pôde dizer, o que dos filhos do inclito morgado José Caetano Dias do Canto e Medeiros, é justo e preciso que se diga: — tal pae, taes filhos!

Perdoe-me a sua modestia offendida, o meu ex.^{mo} mestre e amigo, o dr. Eugenio do Canto.

As individualidades da craveira intellectual de José do Canto não morrem nunca na tradição d'uma sociedade culta, por que a influencia do seu contacto é perduravel, e assim á historia brilhante da «Sociedade Propagadora d'Agricultura Michaelense» vincula-se estreitamente o nome do seu melhor collaborador — José do Canto —; ao equilibrio economico dos proprietarios ruraes, pela retribuição das rendas a dinheiro, está ligado o nome de — José do Canto —; a realização do grande ideal dos michaelenses de ha 70 annos — a doca — deveu-se ainda á intervenção superiormente benéfica de José do Canto; as culturas do ananaz e do chá, hoje largamente generalizadas e que tanto teem enriquecido a ilha, tambem devem aos ensaios de José do Canto o seu largo desenvolvimento; e... quando a fadiga da jornada lhe impoz a necessidade d'uma vida menos intensa, recolhido na sua bibliotheca, coordenava a rica camoneana, que durante largos annos fôra colligindo, porque, como elle proprio diz, *o ceifeiro, apressado, teme que a noite o colhesse antes de terminada a tarefa.*

Como diz Carlyle, «a historia do mundo é a biographia dos seus grandes homens»; assim referir, ainda que a largos traços a personalidade distincta de José do Canto, é lembrar um dos mais interessantes capitulos da nossa historia, na qual elle vive profusamente illuminado pela luz do seu talento.

Nasci lo d'uma familia preponderante e respeitada, não só pelo lustre heraldico do seu braço, mas ainda pela longa folha de serviços prestados em prol das reivindicações liberaes, floriu a sua mocidade sob o prestigio salutar do nome illustre que trazia; e prematuramente envolvido n'essa espessa nuvem absorvente da politica revolucionaria, que varreu o paiz na qual assignalada de 1842 a 1851, houve-se n'ella com o levantado civismo de que é irrefragavel prova o seu opusculo assim intitulado: *Aos Michaelenses que pretendiam eleger-me deputado* (14-2 1852) em que sob a plastica irreprehensivel da sua prosa opulenta, nos deixa admirar os primores d'uma educação modelar, servindo uma intelligencia clara e finamente culta.

Na impossibilidade de transcrever aqui todo o texto do primoroso folheto que acabo de referir, apanhei d'elle dois trechos, que julgo interessantes para documentar o que disse d'este nosso glorioso concidadão.

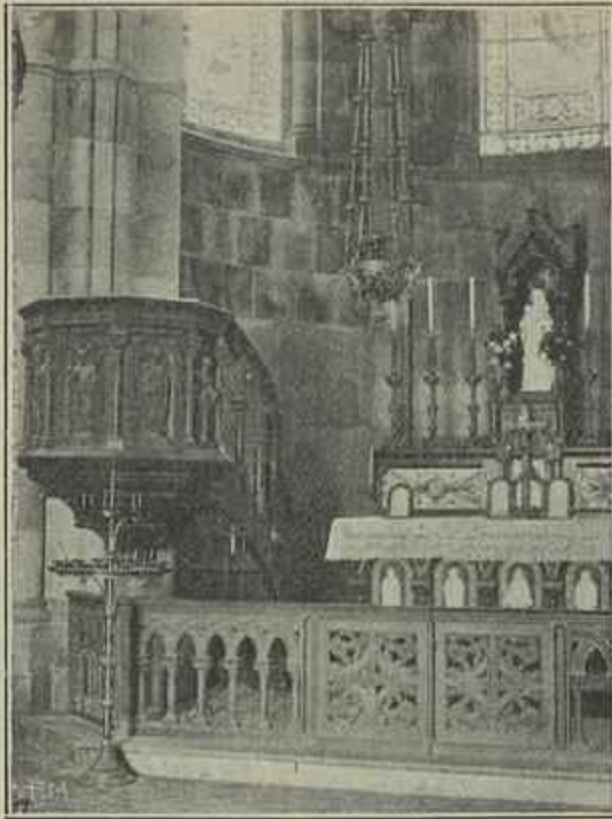
Fêre o primeiro a nota flagrante do seu sentimento individual, e como doutrina, é um claro espelho de virtudes bem dignas de contrapor ás normas hoje tão vulgarmente servidas...

«Com sacrificio fallarei de mim, e de tal impertinencia peço perdão aos que me não quizerem julgar sem o tedio de primeiro me lèrem; mas não sei como rodear escolho tão desagradavel em questão privativamente pessoal.

Não blazono nem faço alarde de meus principios liberaes. O homem, que tal é, apenas cumpre o seu dever, cultivando a herança que a natureza lhe departiu. Servir a patria não é obra de merito, senão em uma terra de escravos. Dá-nos a patria muito mais do que nenhum dos seus filhos lhe podemos retribuir. Servindo a, ainda somos egoistas, porque a não servimos a ella, se não a nós.

Em ser pois liberal, cumpro a minha missão de homem; em consagrar á patria as vigílias que ella reclama de seus filhos, cumpro outra missão não menos rigorosa. Nunca assentei que fôsem taes actos dignos de louvor; diligencio pratical os, porque lidei em bem casar a consciencia com a pratica da vida.

Não requeri nunca titulos, nem honras, nem jámais os acceptaria, ainda que para tanto houvera merecimentos; porque considero sordidos e mercenarios os serviços desle que recebem paga, — indignos de memoria depois que os saldaram premios materiaes.



OUTRO DETALHE DO INTERIOR DA ERMIDA

A popularidade tambem é um titulo e honra, de não menor valia que aquellas outras, para quem a sabe merecer e prezar. Tão pouco a solicitei nunca; ou quebrantaria um só dos principios que a mim proprio me estabeleci, para a grangear.

Desejar ser querido e aceito dos nossos naturaes, e conterraneos, quem o não quererá? Quem deixará de anhelar que como amigo e irmão, nos olhem e ditem e affaguem aquelles que ao pé de nós nasceram, que nos mesmos campos folgaram, que os mesmos ares bafejam, e que as mesmas adversidades ou venturas abatem e exaltam?

Mas se nos actos de ostensiva amizade que praticamos para com outros, levamos logo a mira determinada de lhes carear o favor e bom termo, tão indignos e ignobis considero uns taes, como os que se rojam e vergam ante os magnates. Os actos de todo o cidadão honesto hão de sómente ser dictados pelo dever, hão de ser isemptos de toda a consideração de premio; — só tem valia quando os inspirou a abnegação e a virtude.

E' este o meu modo de vêr. — Entendo que todo o que formula suas acções fóra d'esta norma absoluta do dever, e pela mera contemplação do interesse, ainda no que faz de bem vae mal, porque, aonde não ha sinceridade, não sei quão longe demora a hypocrisia.

E' este o caminho que procuro trilhar. — Desde que a minha idade, e a posição social que me



ANNIBAL BICUDO

coube, permittiram que ao meu paiz desse o pouco que podia ou sabia, o passo incerto, o aviso leigo, qual o tinha, tal o dei. — Muitas das horas que ao passatempo, ou a occupações de meu sabor pudera dar, as tenho dispendido em tarefas inglorias, infructiferas, inapreciadas, vãs mesmo; mas não minhas, senão do commum interesse da republica. — Para me entregar ao trabalho, nunca olhei ao diante; se o fizera, desamparara já algum, em que a esperanza é nulla. — O que de continuo me pergunto, ao encetar d'uma tarefa, é se o devo. — Jámais me occupei a calcular-lhe os effeitos uteis, e mesmo ainda os que me respeitariam. Do que vos aqui escrevo, poderão dar-vos menos insuspeito testemunho, morrem que mais de perto me conheçam.

Pedi eu nunca recompensa? Recusei serviço? Engeitei trabalho? Lamentei-me d'elle? Não.

O meu galardão está na tranquillidade de animo com que vivo, nem nenhum outro quero. Se m'o dessem, ou o eu recebêra, reputar-me ia desmerecido. E porque esconderei n'esta solemne hora uma só prega do coração? Li-songea se-me tambem o meu amor-proprio em abnegar toda a retribuição, quando tantos por ella lidam.

Se pois os Michaelenses, pretendendo eleger-me deputado querem dar-me uma prova do seu bom affecto, e uma como que recompensa aos bons desejos que pela nossa commum prosperidade nutro; infligem-me um severo e não merecido castigo, contrariando, na parte a mais sensivel do meu caracter, todos os meus propositos e inclinações.

Não mais me atreveria a cortejar um visinho, porque m'o não levassem á conta de adulação; não proferiria aquellas palavras que a cortezia ensina para todos, porque as não cuidassem atraçadas caricias; as diligencias, que pela commum patria pudera empregar, não as fizera, antes do que consentir e dar azo a que m'as interpretassem como para meu accrescentamento emprendidas. Para tudo tivera esforço, menos para me julgarem suspeitas todas as acções. O meu natural é de si isempto, e feril-o-hia por extremo a cogitação de que a urbanidade, ou o zelo da patria fossem tidos como servis e deshonestos de captar altas missões.»

O segundo trecho é um bello esboço do que ao tempo era a nau desarmada da nação, ainda duramente sacudida pelo aspero embate da politica desvergonhada, que desde 1826 se degladiava sem treguas:

«Não se pôde negar que o mundo geme hoje sob as oscillações de uma transição, cujo termo final é ignoto. E ninguém ignora que o influxo d'essas convulsões, dolorosas como as de um laborioso e gigantesco parto, tambem agitam e commovem o desventurado Portugal. Mas n'esta miseranda terra accrescem ás causas latentes de conflagração na Europa — achaques organicos, que parecem precursors de gravissimos acontecimentos.

— Uma divida publica enorme, impossivel de pagar na totalidade, e que só com o pagamento dos juros desangra o paiz, e extinguirá em pouco todo o seu numerario; — um deficit annual crescente, não obstante a alta cifra do imposto, o auxilio de avultados emprestimos, e as continuas modificações, reduções, e supressões na remuneração dos serviços do estado; — a fazenda publica emfim, depois de 18 annos de inuteis e estereis diligencias, reduzida a um cahos e abismo medonho:

— Um exercito de poucos soldados, mas onerosissimo ao thesouro pelo numero mais que exorbitante de seus officiaes, que não podem todavia, na maxima parte, sem grave injustiça, deixar de ser mantidos á custa da Nação, por cuja independencia e liberdades derramaram o mais puro de seu sangue, ou consummaram o mehor da vida:

— A marinha, que pudera vivificar os amplos restos de nossas extensas colonias — semi-aniquillada:

— A monomania dos empregos publicos, invadindo todas as classes, desvaivando das occupações productivas todas as capacidades, e formando uma hoste irrequieta contra todos os governos sem excepção:

— A agiotagem, lavrando como uma gangrêna mortifera por toda a nação:

— A immora idade relaxando e extinguindo todos os nobres incentivos:

— A familia portugueza dividida em facções sem conto, os bandos animados de rancor insano, os bons e os maus principios, a virtude e

a maldade, a razão e a injustiça na mais hedionda e vergonhosa mescla:

— Os homens publicos, sem fé, nem honestidade; os cidadãos honestos, poucos em numero, e sem a força ou energia de supplantarem os que abusam de sua cordura:

— Um pressentimento vago da proxima dissolução da nossa nacionalidade ainda nos que mais o procuram encobrir:

— A opinião-publica, frouxa e amortecida á força de a tenderem com o espectáculo continuo de escandalos inauditos:

— Os odios civis, fomentados sem cessar pelo interesse de visinhos ambiciosos:

— Revoluções periodicas, com todos os danos e sacrificios que lhe vem inherentes, e sem nunca gerarem as uteis reformas, por cuja aspiração se realisaram.

Chagas tão profundas e inveteradas, ou matam o enfermo, ou saram, somente depois de uma temerosa e desesperada crise. Não ha, em meu curto entender, castas de emoliente ou tónico que opere a cura. Uma crise, só uma crise daquellas, cujo duvidoso termo a providencia occulta, poderá, queimando, purificar e extinguir as raizes do mal.

E' assim que eu na minha inexperiencia julgo da situação da minha infeliz Patria...

«Os grandes homens, li algures, são a alma eterna da patria; avival-os e criar energias novas... e no actual momento historico em que o vasio insondavel do materialismo esteril tudo adultera e trasforma em luminosa miragem, que desorienta e corrompe a ingenuidade sa do grande publico, bom serviço é este o de fazer reviver velhos principios, normas sedições, como dirá agora a demagogia delirante, em que se pautavam as acções do nosso viver antigo... e que tão acrisolados sentimentos de honra e patria tatuaram na alma dos antigos portugueses!»

A sociedade regularmente constituída, institue aos seus membros preceitos e deveres que é mister que se cumpram com o penhor seguro da sua estabilidade proficua. Um d'esses deveres é o apartamento necessario das duas grandes correntes que se debatem rijamente a dentro dos seus humbraes: — os que prestam e os que não prestam; assim glorificando os primeiros, ella expurga-se dos segundos... e seguindo esta norma é dever indeclinavel que se impõe a nós outros michaelences, respeitadores da tradição e crença dos nossos maiores, seleccionar d'entre tanta vaidade balofa, aquelles que pelo brilho dos seus talentos e qualidades utilisaram á republica commum.

Das considerações que deixo acima expostas, vem surgindo triumphante a personalidade excessiva de José do Canto, cidadão notavelmente prestigioso para esta sua terra, que serviu com todo o vigor da sua vontade, aproveitando como poucos, as circunstancias d'uma situação de fortuna, para d'ella tornar á collectividade, em beneficios de varia natureza, os serviços com que a illustrou e abrilhantou durante a sua passagem pelo mundo.

Figuras de tal envergadura moral marcam uma epocha e avultam ainda em maior grandeza se as confrontamos com os consagrados de hoje, de liliputianas proporções, embora colossaes em vaidade...

E' que José do Canto era um espirito educado nos velhos principios da moral e fé religiosa, que não são incompativeis com a especulação scientifica e se não humilham perante as convenções de que fazem gala as modernas correntes de orientação social, dirigidas pela demagogia impertinente da actualidade.

A attestal-o ahí está esse formosissimo monumento que a sua fé erigiu á Virgem, sob a suggestiva invocação das Victorias, e onde deixou perduravelmente gravado o voto da sua crença:

Serpentem, virgo, vincens ab origine mundi, et mortem, et morbos et mala cuncta domas, viciisti, vincis, victrix meritoque vocaris: — Salvé! sitque tibi gloria, laus et honor!

Hanc nunc aedulam, servata conjuge conjugis, sancta Dei genitrix, dedicat ipse tibi.

1854 — 1884

Tradução livre:

«Oh! Virgem, vencedora do peccado original, que vences, venceste e vencerás a morte, as doen-

ças e todos os males, justamente és chamada «da Victoria: — Salvé! gloria a ti, louvor e honra!

Um marido, em memoria de sua esposa, te consagra agora esta ermida, ó Santa Mãe de Deus.»

Ponta Delgada, abril de 1914.

ANNIBAL BICUDO.
(Do Instituto de Coimbra)

Folhas soltas

O theatro da Republica

1894-1914

N'este canto de provincia onde me encontro ha mezes, chegou-me a noticia do incendio do *theatro D. Amelia*, hoje da *Republica*. Olhando para o jornal e lendo tal noticia, ao principio julguei que estava sonhando, pois custava-me a acreditar que esse theatro, o mais elegante, o mais artistico da nossa capital pudesse assim desaparecer tão estupidamente!

O *theatro da Republica* era um verdadeiro templo d'arte; o seu empresario, Visconde de S. Luiz Braga, fez-nos conhecer o que havia de melhor no estrangeiro, e tanto na parte dramatica como na musical, tivemos noites que jámais se apagarão da nossa memoria. Ainda ha pouco tempo recebi uma carta d'essa notavel pianista Maria Carreras, em que me dizia que nunca poderia olvidar esse encantador *theatro da Republica*, onde passára momentos de tão intensa arte!

Alli vimos espectaculos de alta teoria educativa, e para não fallarmos d'outros, bastará apontar es concertos da orchestra symphonica sob a direcção do maestro hespanhol Pedro Blanch.

Sob o ponto de vista mundano, este theatro era o ponto *chic* da sociedade mais elegante de Lisboa; nos camarotes, balcão e frizas, ostentaram-se os vestidos mais elegantes, nas senhoras mais em voga.

Em menos d'uma hora tudo desapareceu!

As chammas em uma corrente devastadora, destruíram, carbonisaram, tudo, tudo!

Scenarios preciosos, archivo de peças litterarias, fatos, joias, instrumentos, tudo se transformou em cinzas, em pó! Mas um theatro assim, ficará para sempre no abysmo do esquecimento?! Impossivel! Em breve, um novo theatro surgirá, e então novas noites d'arte tornaremos a ter, tenho plena certeza d'isso.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

No convento de Vila Verde dos Francos

No sopé de um dos contrafortes da serra de Montejunto, fica a curiosa povoação alemquerense de Vila Verde, doada no seculo xiii por D. Afonso Henriques aos francos (francezes) de D. Adelard, cruzados que ajudaram á conquista de Lisboa aos moiros.

Um denegrido palácio em completa ruina, restos do solar dos Condes de Pe-

niche; um pano de muralha, do quasi desaparecido forte; um arruinado convento de franciscanos; e a baixa e singela caza-ria que se agrupa em volta da sua alta igreja matriz, é o que mais sobresaie n'aquele meio de serras altas, cuja maior é a da Neve, (Montejunto) árida, em que tufos de alecrim se destacam pelas brancas rochas, e do alto da qual se gosa um prodigioso panorama circular por toda a Extremadura.

E' no prolongamento oeste da serra que existe o pequeno convento de Vila Verde dos Francos, dotado de fina e frígida agua, encerrado em densa mata de variadas essencias e tendo uma deliciosa vista sobre os termos de Torres Vedras, Lourinhã, Cadaval e Obidos.

O nosso antigo colaborador Ribeiro Christino foi com sua e outras familias, n'um total de vinte e seis pessoas, ali passar todo o dia 6 de setembro ultimo, indo do Arneiro da Merceana, onde tem sua



NO CONVENTO DE VILA-VERDE DOS FRANCOIS

(Fotog. do amador Christino da Silva)

casa de campo, em carros de bois, os unicos vehiculos que os primitivos caminhos da serra permitem usar, sem receio de desastre; lá no convento, na desamparada escada da torre sineira, a uma altura de perto de 400 metros acima do nível marítimo, foi que se escalonaram os visitantes por entre as heras e arbustos que adornam o conventinho em quanto sobre a abobada Luiz Ribeiro Christino, o novel estudante de belas artes, apanhava no seu kodak a alegre caravana, cuja fotografia publicámos.

O convento de Vila Verde adquirido em tempo pelo falecido illustre Visconde de Chancelheiros, e por ele muito melhorado nos arvorêdos da mata, era o sitio a que de preferencia ele levava as suas visitas da quinta da Cortegãna (Rocio), que ficavam sempre encantadas pela beleza do sitio, suas vistas, e dos restos dos interessantes azulejos setecentistas da igreja, com quadros da vida de S. Francisco de Assis, e nos do graciôso claustro, estes de aspecto ornamental.

Actualmente é seu possuidor o sr. D. Ignacio de Carvalho, filho de aquele titular, que a exemplo de seu pae, a todos graciosamente faculta a visita do lindo convento, a que não faltam algumas rudes capelinhas para o semilhar a um pequeno Bussaco.

✻

ROMANCE

M. Delyne

A DESTERRADA

Versão de Alfredo Pinto (Sacavem)

I

— Depois da sua segunda viuvez, Giselia deu-me a direcção do palacio Milcza em Vienna. Supponho que depois da morte do conde Zolanji, tivesse ido viver junta de seu filho mais velho, que talvez ainda não esteja casado. Envia a carta para essa direcção. Se Giselia não estiver, a carta provavelmente seguirá o seu destino.

Myrto com a mão tremula, escreveu o envelope e poz a estampilha.

— Vou a casa das sr.^{as} Millon, uma ou outra terá occasião de sahir e pôl-a na caixa.

As sr.^{as} Millon habitavam uns compartimentos no predio da sr.^a Elyanni. A mãe era viuva d'um empregado do caminho de ferro, a filha trabalhava em casa para uma loja de flores artificiaes. Eram boas e honestas senhoras, serviçaes e discretas que admiravam Myrto e que faziam tudo para lhe ser agradaveis. Isolada como estava a pobre menina, a sr.^a Elyanni não tendo nunca querido muitas relações, muitas vezes encontrou uma protecção material ou moral perto das suas visinhas.

A porta abriu-se e a menina Albertina, de olhar meigo, disse:

— A menina Myrto! entre faça favor. Entrou na casa de jantar, onde a sr.^a Millon estava a vestir um rapaz de cinco a seis annos, um orphão que a morte de sua filha mais velha e de seu genro deixára ao seu cuidado.

— Está melhor?

— Muito fraca, murmurou Myrto.

— Pobre senhora, disse a sr.^a Millon, apertando-lhe a mão.

— Eu vim para pedir o favor de me deitarem esta carta na caixa.

— Oh! da melhor vontade. Albertina vae sahir e não se esquecerá.

— Eu levo a carta, disse o rapazito querendo ser amavel.

— Pois sim, Joãozinho, e resará uma oração pela minha querida mamã, disse Myrto fazendo-lhe festas.

— Nós resaremos tambem.

— Obrigada, conheço os vossos corações, disse Myrto abraçando-as; agora vou ter com minha mãe.

Apenas Myrto desapareceu, a sr.^a Myrto poz a carta sobre a mesa, sem deixar de olhar para a direcção.

— Condessa Zolanji, palacio Milcza... estas senhoras nunca fallaram da sua familia, mas quero crer, Titina, que são de boa familia, gente distincta. Aqui ha dias quando estava proximo da mãe Elyanni vi sobre um lindo lenço, uma corôa bordada.

— E a menina Myrto tem maneiras de princeza. Deus queira que tenha parentes que a possam estimar. A mãe pouco poderá viver.

— Se passar d'esta noite... pobre menina Myrto! Tenho pena d'ella, coitada!

Emquanto isto se passava, Myrto entrava no quarto na mãe.

— Myrto!

Ella aproximou-se da cama e Elyanni apertando-lhe a mão disse:

— Olha para mim, Myrto!

Os olhos azues da mãe, tinham um olhar cheio de candura.

— Que possa ainda ver os teus olhos, minha filha, minha luz.

— Não falle assim, minha querida mãe, ha apenas uma luz verdadeira, é Deus!

— Sim, é a luz das almas puras. Ha dias tenho pensado que tu tens sido uma filha exemplar, és um anjo, quero deitar-te a minha benção.

As mãos sobre aquella cabeça loura, pareciam chamar sobre a filha uma luz divina. Myrto de joelhos, chorava copiosamente.

— Não chores, minha querida. Pensa que vou para junta do meu querido Christo. Nós olharemos por ti.

Apoz estas palavras, Elyanni ficou como adormecida, saboreando as suas ultimas horas.

II

Toda vestida de preto carregado, Myrto no meio das sr.^{as} Millon, voltara cheia de tristeza da sua casa onde tinha sahido os restos mortaes da sr.^a Elyanni. Sentia-se desfallecida, e uma dôr profunda minava o seu bom coração. Chegando ao patamar do quarto andar a sr.^a Millon perguntou:

— A menina vae ficar para almoçar connosco e passar o dia mais acompanhada.

— Obrigada, minha boa amiga, mas prefiro entrar na minha casa, habituar-me á solidão.

A voz foi cortada pelas lagrimas.

— ... Amanhã virei um bocadinho, hoje não posso, quero estar sosinha.

— Pois sim, faça o que quizer, o que fór melhor, mas dê-me licença de lhe mandar um caldo, sim?

— Agora não, á noite talvez.

Myrto entrou na sua casa, triste e pensativa. Encontrando-se agora sem ver ninguem, é que parece avaliar bem a sua sorte! Logo que o terrivel acontecimento teve lugar, Myrto telegraphou ao seu tutor, velho celibatario, vivendo na costa da Provença.

Tinha-lhe respondido por uns simples pezames, dizando-lhe que o seu rheumatismo não o deixava sahir da sua provincia.

A condessa Zolanji não tinha respondido. Talvez não se encontrasse em Vienna... e Myrto contava tão pouco com esta senhora. Logo que Myrto se sentisse um pouco mais á vontade, iria pensar seriamente sobre a sua situação com as sr.^{as} Metlon. Mas hoje não podia, sentia-se fraca, sem forças.

Um toque de campainha fez-se ouvir. A creada foi abrir e Myrto ouviu um ruido de vozes.

— Menina, é uma senhora que lhe deseja fallar.

Teve vontade de dizer que não recebia;

mas dominando-se, entrou na sala. Uma senhora baixa, de discreta elegancia, estava de pé ao meio do compartimento. Debaixo do veu, Myrto ponde divisar um rôsto um pouco sem as côres da mocidade mas fazendo recordar sua mãe. A desconhecida avançou para Myrto, dizendo com um ligeiro accento estrangeiro:

— Chego muito tarde, minha pobre Hedwiges!!!

— Sim, morreu, disse Myrto.

E começou a chorar.

— Então, minha querida menina. E pensar que estava em Paris e que poderia vir para junto de Hedwiges! mas a sua carta chegou-me de Vienna e só esta manhã a recebi!

— O quê, estava em Paris?! disse Myrto, olhando fixamente para ella. Assente-se, tenha a bondade. Desdê já lhe agradeço o ter vindo logo.

— Era coisa natural, disse a condessa assentando-se n'uma cadeira em frente de Myrto, Hedwiges e eu, ainda que primas muito affastadas, fomos educadas em uma grande intimidade. Sempre tive saudades d'ella, apezar d'esse casamento que fez, descontentando a nossa familia.

Myrto ficou um pouco com aspecto sisudo.

— Não esitei em vir, esperando encontrá-la com vida, mas a porteira disse-me logo a dura verdade.

— Sim, é verdade! disse Myrto.

Myrto apresentava um aspecto tão melancolico, triste, que a condessa, pegando-lhe na mão, disse:

— Então, minha filha, não deve estar assim. Pensando em Hedwiges, estou prompta para a socorrer em tudo. Conte-me a sua vida, sim?

Myrto, tendo visto n'esta parente uma protecção um pouco talvez de favor, contou-lhe resumidamente a sua vida depois da morte de Elyanni. Muitas vezes a condessa lhe fez varias perguntas, a mór parte sobre dinheiros. Myrto disse que nada lhe restava, salvo um pequeno capital representando uma renda de quatrocentos francos.

— Sim, a sua carta dizia isso, mas pensei que tivesse outros capitaes. Hedwiges, tinha bellas joias...

— Tudo foi vendido pela doença de meu pae, excepto uma cruz de opálas, da qual minha mãe gostava muito.

— Sim, é uma joia de familia que veio de uma avó... então não possui nada, minha filha? Do lado paterno, não tem ninguem?

— Ninguem. A familia de meu pae era já completamente terminada na época do seu casamento.

(Continúa.)

✻

QUADRAS

Jurando um amôr sem fim
Uma carta me mandaste:
Foi a tua mãe que a fez?
Ou tu é que a copiaste?

ANTONIO FERRO.

«O teu coração é d'oiro»
(Disse um poeta inspirado)
Não creio... pois se assim fosse
Não m'o terias tu dado.

(Missal de Trovas.)

AUGUSTO CUNHA.

Concurso hipico nas Caldas da Rainha

Por aqui, os dias sucedem-se aos dias encantadamente lindos. Nesta poetica vila, tudo se conjuga — paisagem, ceu dum azul limpo, horizontes amplos, temperatura suavissima — para dar ao espirito uma impressão salutar de alegria. Respira-se desafogadamente — o simples acto de respirar, traduzindo em função a melodia ritmica da vida, é um motivo, irresistível de optimismo. A alma libra-se espaço em fóra — e ficam, em baixo, á superficie, sombra em sombra, nada em nada, as pequeninas miserias do mundo.

Apezar de ter sido bastante concorrido este anno o concurso hipico, n'estas lindas thermas, correu pouco animado.



Realisaram-se as seguintes provas durante quatro dias: *ensaio, nacional, omnium, amazonas, grande premio das Caldas, sargentos, soldados e cabos, corrida de hiate, percurso de caça e prova de força.*

Foram vencedores: Jara de Carvalho, Luiz Faro, Higinio Barata, Affonso Botelho, Casal Ribeiro, Silveira Ramos, Francisco Lusignan, Carlos Veloso, Amavel Granger, Manuel Latino, e D. Maria do Carmo Reis, além de varios cabos e sargentos.

No velodromo do parque realisou-se um desafio de *foot-ball* entre o *Grupo Sportivo Liç de Leiria* e *Caldas Sport Club*, sendo o resultado um *goll* contra outro.



D. MARIA DO CARMO REIS — MANUEL LATINO — CARLOS VELOSO

Psitacismo e cultura do espirito

Daqui vem que a formula se esvasia de sentido e o simbolo perde a sua razão de-sêr. O espirito sacrifica-se á letra.

O conhecimento das palavras precede o conhecimento das ideias. E' então que o pensamento se resolve no verbalismo.

Mas o psitacismo é — ainda mais profundamente alicerçado e firmado no espirito humano. O verbalismo é quasi inevitavel e difficilmente eliminado.

A fisionomia e o relevo das palavras têm um poderoso ascendente sobre a imaginação, que as coisas, por si, não podem destruir. Por vezes, o colorido e pitoresco que as palavras projetam, supre-lhes o sentido: — ou nunca o tiveram, ou se o tiveram, perdeu-se e o espirito não o apreende jamais. O seu valôr musical prejudica a sua significação.

E' sobre esta base que se firma Dugas, para optar pela linguagem puramente significativa contra a linguagem expressiva. As razões que ele invoca, são na verdade subtilissimas.

Prefere a *image-signe* á *image-idee*. Isto é, prefere o *signal* que é meramente *signal*, á *imagem* e *signal*, principalmente *imagem* e acidentalmente *signal*.

Image-signe é a palavra puramente significativa, já de si abstrata, demarcada no seu sentido por uma vontade mais ou menos arbitraria. *Image-idee* é a palavra puramente expressiva que evoca a significação por meio da imagem que implicitamente em si encerra.

Image-signe é convencional, vasia de emoção, interessando só o espirito pela função que exerce. Não tem garra sobre a imaginação. E' exclusivamente «um instrumento ao serviço do pensamento». Neste caso, sendo a linguagem puramente significativa, o psitacismo parece impossivel.

Não poderemos nós, porém, erguer objecções a esta opinião estranha, aliás engenhosissima? Talvez...

A linguagem, complexificando-se, torna-se, mais e mais, significativa. Mas é certo que toda a linguagem foi primitivamente expressiva. Bréal afirma-o bem peremptoriamente. A historia da linguagem corrobora-o.

As palavras, na sua remota primitividade, eram pitorescas, concretas, onomatopaicas. Eram exclusivamente expressivas. Eram imagens que da propria natureza se alevantavam ao encontro dos sentidos do homem. As palavras raizes que hoje exprimem ideias abstratas, são palavras cuja origem metaforica se perdeu, vislumbrada, ainda hoje, no entanto, pela restropectiva investigação do estudo etimologico.

Observa-se, portanto, na filologia, a marcha da expressão para a significação. Mas isto que é inegavel, não evita, por certo, o psitacismo. Pelo contrario, podemos afirmar, neste ponto, a superioridade da linguagem expressiva sobre a linguagem significativa. A linguagem expressiva e a linguagem significativa tem campos diferentes de acção nitidamente circunscritos, que são respectivamente o campo da Arte e o campo da Inteligencia Pura.



Camilo Castelo Branco — *Tipos e episodios da sua galeria*, por Sergio de Castro — Parceria Antonio Maria Pereira.

A individualidade de Camilo, que é eminentemente caracteristica no meio literario português do seculo findo — ainda não foi, sob todos os seus aspectos, encaradas as modalidades varias da sua compleição, em toda a complexidade do seu espirito, convenientemente estudada. O seu squema fisico-psiquico ainda não está traçado.

Anos decorreram, anos decorrem, sobre o dia lugubre do seu falecimento — e ninguem se aventurou ainda a realizar um estudo serio, tanto quanto possivel completo, intentando na mais nobre acepção do termo, critica da sua Obra. Todos se recolhem ante a iminencia das maiores responsabilidades. Sómente Fialho de Almeida demonstrou o carinho inteligente com que seguira sempre a evolução literaria de Camilo, esboçando um programa de estudo, em verdade notavel, elaborado para a realização dum livro, *in memoriam*, que uma comissão puzera em projectos, no ano da graça de 1906.

De resto, o facto não dá motivos a espanto. Não sabemos se a mentalidade portuguesa é por absoluto falha de faculdades criticas, — todavia

parece-nos incontestável que de autoridades críticas temos carecido sempre. De críticos insuspeitos — uns morrem-nos precocemente sem conseguirem legar-nos obra que seja monumento, outros surgem por vezes num instante para em breve desaparecerem sem vestígio notável no rameram das preocupações quotidianas.

Entretanto, de pesquisadores, anotadores ou comentadores temos numero que felizmente parece abastar-nos. Amigos literarios e admiradores strenuos de Camilo são nest' hora muitos, e todos se esforçam por trazer ao entendimento da obra camiliana pontos de vista, noções de época, iluções, . . .

E isto por certo estimula ao aparecimento da-quele que, dia mais, dia menos, por via de critica vá carreando laboriosamente e inteligentemente coordenando dados té ao local do monumento onde se ha-de erguer, a toda a luz, sobre o povo da sua terra, a estatua gloriosa de Camilo Castelo Branco.

Coube a vez agora ao sr. Sergio de Castro — e não é de importancia somenos o subsidio que nos dá a sua vulgarisação criteriosa. Este livro — que o sr. Sergio de Castro, ha meses, publicou — intitulado CAMILO CASTELO BRANCO, lemolo dum aassentada, curiosamente, e ainda conservamos na retentiva a galeria de tipos, o film de episodios, que a imaginação do prosista incomparavel reanimou e plasticizou. A sua ironia — esta ironia fina que feria, a jorrar scintillas, como a ponta lucida dum florete, esta ironia formidanda que por vezes caía pesadamente como o bordão de Hercules — a sua ironia que falcava sobre as frentes dos Contemporaneos como a espada de Damocles; ali está no seu jogo admirabilissimo exemplificada. Cólera, amôr, indignação, graça, — emfim, toda a escala da sentimentalidade humana é ali sonoramente percorrida.

O Coração é escarpelizado fibra a fibra, — todos os seus movimentos estão á perfeição graduados; todo o perfume, por mais alto de idealismo, toda a vasa, por mais baixa de materialidade, têm ali uma expressão concreta. . .

Bem haja o sr. Sergio de Castro que se impôs, para utilidade simples e grande do leitor, o labor demorado, sem duvida grato, por certo inglorio, de seguir passo a passo uma evolução literaria, anotando, esclarecendo, esboçando num gesto largo, vincando numa linha sobria, a fisionomia dum Espirito que merece de nós uma admiração quasi religiosa.

Falando claro, portuguezmente, dissertando numa linguagem elegante e sobria ácerca dos seus intuitos ao iniciar a publicação do seu livro, diz-nos o sr. Sergio de Castro:

« . . . propondo-me a escrever de Camilo Castelo Branco, não procurarei fazer-lhe a biografia,



DR. SERGIO DE CASTRO

nem teorizar-lhe a obra nem determinar-lhe as origens literarias ou acentuar-lhe as influencias e reflexões no meio literario do tempo.»

«O que nós queremos, levando-o á comunidade da geração que já não é do seu tempo, é vulgarisar-lhe os livros em quadros imdresivos, submetendo esses quadros aos processos mais praticos da propaganda eficaz. Queremos, transcrevendo trechos, resumindo passagens, incipientes e episodios, exhibindo tipos e figuras, dar a impressão, quanto possivel viva, da sua obra de escritor.»

Se estes foram os intuitos primordiales da obra — podemos confessar que foram felizmente e plenamente realizados. E as palavras que atraz disdissemos — sugeridas por uma leitura rapida e emocionada — são a nossa singela garantia. . .

Livros recebidos: (1)

Lisboa Tragica — (Aspectos da cidade) por Albino Forjaz de Sampaio — Nova edição da casa Santos & Vieira — Empresa Literaria Fluminense, Lisboa.

Acerba Dôr. . . — Com prefacio do illustre escriptôr Eduardo de Noronha, por J. Marques

(1) Oportunamente faremos critica apropriada.

Mendes — J. Rodrigues & C.ª Editores — Livraria Nacional e Estrangeira, Lisboa.

Missal de Trovas — Quadros dos 17 e 18 anos, por Augusto Cunha e Antonio Ferro — Lisboa.

Euchologium, por Araujo Filho — Estabelecimento graphico Torre Eiffel, Parahyba do Norte.

Ignês, por J. P. Carneiro da Cunha — Estabelecimento graphico Torre Eiffel, Parahyba do Norte.

O Instituto — Revista scientifica e literaria — Volume 61.º — N.º 7 — Coimbra — Imprensa da Universidade — 1914.

Revista Agronomica — Orgão da Sociedade de Sciencias Agronomicas de Portugal — Lisboa — Composta e impressa na Typographia do Anuario Comercial — 1914.

Apontamentos Historicos sobre Bibliotecas Portuguezas — Coligidos e escritos por José Silvestre Ribeiro — Coimbra — Imprensa da Universidade.

Revista Horticola — Jornal de Horticultura, Pomicultura e Floricultura — Proprietarios e editores: Alfredo Moreira da Silva & Filhos.

Catálogo suplemento — Raizes, tuberculos e bolbos de flôres — Sementes de flôres para o outono e morangueiros — Proprietarios e editores: Alfredo Moreira da Silva & Filhos.

IMPORTANTE

Aviso aos srs. annunciantes

Previne a Administração d'esta Revista que nenhum agente está autorizado a tratar de annuncios para o «OCCIDENTE» sem que apresente o seu cartão de identidade passado por esta Administração assim como se previne que nenhum annuncio é pago na occasião do contrato.

A ADMINISTRAÇÃO.

ATTENÇÃO

A Empresa do «Occidente» acceita propostas para agentes em todas as terras do paiz, Africa e Brazil.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

TRESPASSE

BOM EMPREGO DE CAPITAL

No centro da cidade ha um magnifico e acreditado estabelecimento de ourivesaria, que se trespassa pelo motivo do seu proprietario desejar retirar-se do comercio.

Carta ás iniciaes S. A. R. Avenida da Republica, 84-B LISBOA

GRAND PRIX - O Melhor Premio da Exposição - LONDRES 1904

CONTRA DEBILIDADE

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

O MELHOR TONICO QUE SE CONHECE

TESTADO POR NUMEROSOS MEDICOS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

AVENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Belem 1890, Anvers 1894, Lisboa 1898, Paris 1889, Londres 1904, Rio de Janeiro 1908, etc.

Pedro Franco & C.ª

Rua de Belem, 147 - LISBOA

Contra a debilidade

Farinha Peltoral Ferruginosa da Farmacia Franço

Esta farinha é um precioso medicamento pela sua acção tónica reconstituente, do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e, em geral, que carecem de forças no organismo, e ao mesmo tempo um excelente alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, para convalescentes, pessoas idosas ou creanças.

Está legalmente autorizado e pre-lligado.

Pedro Franco & C.ª
DEPOSITO GERAL
RUA DE BELEM, 147 - LISBOA